

EDITORIAL

Prezadas(os) leitoras(es),

É com muita satisfação que lhes apresentamos este número especial da Revista Brasileira de Estudos de Defesa (RBED), todo construído com o resultado de trabalhos e mesas-redondas apresentados no IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (IX ENABED), que aconteceu entre 06 e 08 de junho de 2016, em Florianópolis, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Além de representar um pequeno excerto da qualidade acadêmica dos trabalhos apresentados no IX ENABED, este é também o primeiro volume da RBED lançado pela Diretoria 2016-2018 da ABED. Também consolidamos neste exemplar a parceria com a empresa Airá Eventos Técnico-Científicos para a administração e manutenção da RBED, parceria esta que se mostrou muito profícua na realização do IX ENABED e que promete repetir o sucesso junto à nossa revista.

Este número é, ainda, o primeiro da RBED após a revista ser avaliada pela primeira vez pelo Qualis CAPES em 2016, quando recebemos a nota B2, o que todos consideramos um sucesso. Esta nota foi possível graças à qualidade dos trabalhos e dos esforços que as Diretorias da ABED vêm fazendo para consolidar a RBED, oferecendo uma revista de qualidade para ecoar as produções dos Estudos de Defesa no Brasil e no mundo.

Naturalmente, há desafios ainda maiores, e que seguiremos buscando atingir, sempre com o apoio e esforço de nosso corpo editorial, secretaria administrativa, pareceristas *ad hoc* e, é claro, dos autores capacitados e com suas contribuições científicas cada vez mais rigorosas e plurais.

Para a organização deste número, além do trabalho da equipe editorial, que pôde avaliar artigos com contribuições originais, pelo que agradecemos também a Comissão Científica e coordenadores das Áreas Temáticas do IX ENABED, contamos também com a colaboração dos professores Alexandre Fuccille, Maria Cecília de Oliveira Adão e Luís Rogério Franco Goldoni, organizadores do livro que reunirá também outros artigos apresentados no encontro nacional. Agradecemos também a transcrição das palestras feita pela mestrandia de Relações Internacionais da UFSC, Emili Willrich.

Lucas Pereira Rezende – Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Editor-Chefe da Revista Brasileira de Estudos de Defesa. E-mail: lucas.rezende@ufsc.br

Alguns dos trabalhos que compõem esta edição da RBED, portanto, são fruto das apresentações orais feitas pelos autores nas mesas-redondas e/ou conferências do IX ENABED. Este é o caso do ensaio que abre o número, de autoria de Monica Hirst, “O Brasil sob o impacto dos novos desafios conceituais e práticos das Operações de Paz”, fruto de sua palestra em mesa-redonda homônima do IX ENABED, organizada por Antonio Jorge Ramalho da Rocha. Hirst faz uma exposição partindo de uma perspectiva global, passando pela regional e chegando à nacional para o entendimento das participações em operações de paz pelo Brasil. Das inovações institucionais dentro da ONU à reticência dos atores regionais em colocarem seu arcabouço institucional à serviço da nova agenda onusiana, a autora chega ao caso brasileiro, demonstrando a atuação expansiva brasileira na governança global via operações de paz. No entanto, a desarticulação da liderança brasileira na MINUSTAH é notada, o que a leva a concluir que o Brasil sai demonstrando a sua dificuldade de articulação regional, mesmo em uma agenda outrora positiva como foi o caso, em seu início, da MINUSTAH.

Já o trabalho que abre a seção de artigos, “A Coordenação Civil-Militar nas Operações de Paz e o Brasil: algumas considerações”, de autoria de Sérgio Luiz Cruz Aguilar, que também integrou a mesma mesa-redonda supracitada, debruça-se sobre o aspecto geral da cooperação civil-militar e como esta se dá nas operações de paz. Aguilar apresenta como o perfil do militar brasileiro contribui, nas operações da ONU das quais participa, para o relacionamento com os civis nesse âmbito social. A experiência dos militares brasileiros no auxílio à segurança pública, através da prerrogativa constitucional da Garantia da Lei e da Ordem, facilita a sua atuação em contextos de guerra civil, onde é necessário eventual uso da força, mas também a proteção de civis que não são parte do conflito. O aumento do conhecimento pela ONU e do engajamento maior de organizações civis não governamentais expandiu a necessidade de cooperação entre civis e militares neste contexto, o que acaba também funcionando de maneira inversa para aprendizado dos militares brasileiros e a melhora de seu relacionamento com os civis em território nacional.

O artigo seguinte, “A Persistente Primazia Política da Corporação Militar”, de Maria Celina Soares D’Araujo, é fruto de sua exposição na mesa-redonda “Relações Cíveis-Militares em Perspectiva Histórica”, organizada por Eurico Figueiredo. Dialogando também com os textos de Hirst e Aguilar, D’Araujo debruça sua análise na relativa autonomia que as Forças Armadas no Brasil ainda sustentam. Mesmo com as mudanças experimentadas pela sociedade brasileira desde a redemocratização, as Forças Armadas do país mantêm prerrogativas e ampla autonomia em seus

processos de tomada de decisão, o que distancia o diálogo necessário com a sociedade e com o Estado. Para isto, a autora revisita como a literatura brasileira tradicionalmente enxerga esses aspectos da relação com os civis e foca na manutenção da Justiça Militar como elemento de sustentação de sua hipótese central.

Fazendo também um diálogo com Aguilar, Giovanna Ayres Arantes Paiva, em “A Reintegração de Crianças-Soldado nas Operações de Paz da ONU”, *paper* apresentado na área temática “Forças Armadas, Estado e Sociedade”, sob coordenação de João Roberto Martins Filho e Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, trabalha com a apresentação e revisão do Processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração de crianças. O processo, parte dos mandatos das operações de paz no século XXI, é permeado pelo que a autora apresenta como uma tensão entre a promoção do melhor interesse da criança e o emprego de um processo pensado à revelia das próprias, uma vez que parte de um processo de reintegração à sociedade pós-conflito que não ouve exatamente os infantes. Dessa forma, o impacto do programa na efetiva reintegração das crianças-soldado é ainda baixo.

Já a contribuição de Débora Duran, “Pesquisa na Educação Superior Militar: uma Perspectiva Pedagógica”, direciona sua avaliação para um olhar pedagógico, com a incorporação da pesquisa e das abordagens científicas na educação superior militar brasileira. Seu olhar segue na tentativa de compreender a dinâmica civil-militar nas escolas superiores das Forças Armadas brasileiras por meio de um olhar pedagógico propositivo, em contraste com um viés impositivo. A obra busca sanar uma lacuna sobre o impacto da redemocratização no ensino superior militar no Brasil, em oposição à pluralidade de estudos existente sobre o impacto do governo militar na educação civil brasileira. Em especial em sua avaliação sobre o Exército Brasileiro, Duran afirma que as dinâmicas vividas pelo processo de modernização do ensino e pelo ensino por competências trazem promessas positivas, apesar de, na prática, haver problemas que precisam ser superados, como o dilema da avaliação ligada ao processo de classificação, que distancia o pensamento científico das atividades práticas. No entanto, o crescimento do uso da ciência na pós-graduação tem um marco em larga expansão, trazendo como maior exemplo os trabalhos realizados na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME).

Puxando a temática para avaliações da ordem internacional contemporânea, Paulo Fagundes Visentini traz, a partir de uma perspectiva histórica, a avaliação de que há uma lacuna nos Estudos de Defesa ao ignorar os processos revolucionários e os seus impactos na ordem internacional. Seu artigo, “O Impacto das Revoluções na Ordem Mundial: uma Ausência nos Estudos de Defesa”, apresentado na área temática de “Estudos

Estratégicos”, sob sua coordenação e de Antonio Jorge Ramalho da Rocha, sustenta que esta ausência se dá devido à forma como as revoluções são geralmente tratadas no campo. Segundo Visentini, as guerras civis provocadas por processos revolucionários são comumente tratadas como insurreições domésticas, ainda que sejam provocadas por atores de outros países. Para o autor, as revoluções perturbam e alteram a ordem mundial, fazendo com que não seja possível a análise de um país pós-revolução sem passar por ela. Como exemplo, Visentini analisa a China, afirmando que não é possível avaliá-la como Estado e seu impacto na ordem mundial sem a devida compreensão de seu processo revolucionário.

Também apresentado na mesma área temática de “Estudos Estratégicos”, e seguindo pela perspectiva de análise global, Humberto José Lourenção e Luis Eduardo Pombo Celles Cordeiro avaliam, em “Força Militar dos EUA no Pós-Guerra Fria: Ganhando Batalhas e Perdendo Guerras”, o padrão de aumento de uso de forças especiais nos constantes empregos de força pelos Estados Unidos nos últimos 30 anos. Segundo os autores, à luz da abordagem teórica das novas ameaças, as vitórias estadunidenses têm sido majoritariamente vitórias militares, o que os faz ganhar batalhas, mas sistematicamente perder as guerras pós-modernas. Lourenção e Cordeiro afirmam que as vitórias insatisfatórias se dão porque as práticas de guerra dos EUA, apesar do discurso político, ainda não incorporaram questões do pensamento estratégico contemporâneo que alertam para a relevância dos elementos psicossociais nas guerras contemporâneas.

Tratando sobre a influência da tecnologia para o pensamento estratégico e o emprego da força, Ana Laíse Ferreira Herculano Batista e Antonio Henrique Lucena Silva analisam o impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na primeira Guerra do Golfo, em 1991. Apresentado na área temática de “História Militar”, que contou com a coordenação de Francisco Carlos Teixeira da Silva e José Miguel Arias Neto, Batista e Silva afirmam que o uso crescente das TIC encontra seu maior ponto de inflexão na Guerra do Golfo. Para tanto, o artigo se aprofunda nas definições dos conceitos de logística, logística de defesa e logística militar, com ênfase no uso das TIC para a logística militar e seu uso na referida guerra. Segundo os autores, desde então, as TIC e seu impacto no teatro de operações têm sido cada vez mais decisivos para a vitória na guerra, uma vez que possibilita maior flexibilidade e agilidade com respostas prontas, facilitando a comunicação com o uso de satélites e informação em tempo real.

Fazendo um retrato mais geopolítico e conectando o cenário internacional contemporâneo de aumento da competição global e seu impacto para a defesa brasileira do pré-sal, o artigo assinado por Lucas Kerr Oliveira, Suellen Oliveira, Besna Yacovenco, Bruno Magno e Patrícia de Freitas faz uso da

abordagem de prospecção de cenários. Os autores avaliam que, apesar de ter incluído a defesa do pré-sal em seus documentos da área, há um descompasso entre esses objetivos declarados e uma estratégia de defesa nacional reformulada e sustentada em longo prazo. Neste sentido, apresentam tipos de reformulações que seriam necessárias frente a três tipos fundamentais de ameaças: subnacionais/locais, incentivadas por potências extrarregionais; desestabilização da América do Sul por potências externas; e agressão direta por potência extrarregionais. “Análise de Estruturas Geopolíticas e de Tendências de Aumento da Competição Interestatal Internacional: Contribuições para a Prospecção de Cenários de Ameaças à Soberania Brasileira sobre o Pré-Sal” foi apresentado na área temática de Estudos Estratégicos.

Luiz Pedone e Thiago Pacheco seguem a linha de análise das políticas de defesa no Brasil com o artigo “Incentivos Governamentais e Indústria de Defesa”, apresentado na área temática “Ciência, Tecnologia, Indústria e Gestão de Defesa”, que teve coordenação do próprio Pedone e de Marcos José Barbieri Ferreira. Os autores investigam a hipótese de que os incentivos governamentais na área de defesa promovem um transbordamento para o capital privado também nesta área. Analisando essa relação no século XX e XXI, em especial nos anos 2010 no Brasil, Pacheco e Pedone sustentam que o investimento público brasileiro na área de defesa, em conjunto com a elaboração de políticas e estratégias de defesa, levou também grupos de capital privado brasileiros, em especial nas áreas de Construção Pesada e de Petróleo e Gás, a investirem em empresas na área da base industrial de defesa no Brasil. É possível, portanto, na visão dos autores, traçar um paralelo causal entre o desenvolvimento da base industrial de defesa com capital privado e os incentivos governamentais para a área.

Em temática semelhante com a de Pacheco e Pedone, com objeto nas bases industriais e tecnológicas de defesa, Leonardo Pablo Hekimian e Aureliano da Ponte tratam, em “La Cooperación Científico-Tecnológica-Industrial para la Defensa entre Argentina y Brasil”, das aproximações e dos distanciamentos entre os modelos de desenvolvimento industrial de defesa argentino e brasileiro, além de apontar os antecedentes e perspectivas para a cooperação bilateral no campo da defesa em questões científicas, tecnológicas e industriais. Unindo o binômio autonomia e cooperação, Hekimian e Ponte mostram como, no caso de potências médias, é fundamental o entendimento da defesa sob aspecto cooperativo. Em tempos de desconsideração, pelos atuais governos, das estruturas de defesa montadas no início do século XXI, seu conteúdo não deixa de ser provocativo às atuais lideranças políticas argentina e brasileira. O artigo é fruto do trabalho apresentado na área temática de “Segurança Internacional e Defesa”, sob coordenação de Marcos Aurélio Guedes de Oliveira e Samuel Alves Soares.

A editoria da RBED também ficou bastante satisfeita com o retorno da comunidade à chamada para as resenhas de livros lançados no IX ENABED. Recebemos um alto número de resenhas, o que nos impede de publicá-las todas apenas neste número. No entanto, como forma de valorizar a propagação das obras de Estudos de Defesa no Brasil e na América do Sul, selecionamos três resenhas para a composição desta edição especial da nossa revista.

A primeira resenha, assinada por Thiago Gabriel Tasca e Natália Diniz Schwether, analisa o livro “Defesa e Cooperação Interagências” (UFPE, 2014), organizado por Graciela De Conti Pagliari e Marcos Aurélio Guedes de Oliveira. Parte da Coleção Defesa e Fronteiras Virtuais, como segundo volume, o livro traz autores de diversos países discutindo como a cooperação entre agências é fundamental para lidar com as atuais ameaças e organizar as defesas nacionais.

A segunda resenha é do livro “Pesquisando os militares brasileiros: experiências de cientistas sociais” (Ed. Prismas, 2016), de autoria de Celso Castro e Adriana Marques, coordenadores da área temática “Ensino, Formação Profissional e Ensino em Defesa” do IX ENABED. Escrita por Danillo Avellar Bragança, a resenha apresenta as entrevistas realizadas com alguns dos principais nomes que contribuíram para a consolidação dos Estudos de Defesa dentro das Ciências Sociais no Brasil.

Por fim, a resenha que encerra esta edição da RBED é do livro “Além da Anistia, Aquém da Verdade: o Percurso da Comissão Nacional da Verdade” (Ed. Prismas, 2015), de Eliézer Rizzo de Oliveira. Adriano Portella de Amorim apresenta a polêmica discussão feita por Oliveira, que busca mostrar um olhar crítico a respeito da iniciativa do governo de Dilma Rousseff para trazer à tona os crimes cometidos pelos agentes do governo durante o regime militar no Brasil.

Longe de tentar resumir este que, por certo, foi um dos mais plurais e diversos encontros nacionais da ABED, esta edição especial da RBED busca apenas aguçar os leitores para obras cada vez mais refinadas no campo dos Estudos de Defesa no Brasil. Agradecemos a todos os pareceristas, autores, organizadores, transcritores e membros do corpo administrativo e científico da Revista Brasileira de Estudos de Defesa que, em mais um esforço cooperativo, contribuíram para que este número fosse lançado com toda a qualidade e apuro necessários para a consolidação de nossa revista e nosso campo de estudos junto à academia sul-americana.

Desejamos a todos uma boa leitura, com a promessa de novidades ainda melhores para os próximos volumes da RBED!

Lucas Pereira Rezende
Editor-Chefe da RBED